

El Próximo Oriente antiguo y el Egipto faraónico en España y Portugal

Viajeros, pioneros, coleccionistas,
instituciones y recepción

Lucía Brage Martínez
Juan-Luis Montero Fenollós (eds.)



Universidad de Barcelona. Datos catalográficos

El Próximo Oriente antiguo y el Egipto faraónico en España
y Portugal : viajeros, pioneros, coleccionistas, instituciones y recepción /
Lucía Brage Martínez, Juan-Luis Montero Fenollós, eds. – (Barcino
monographica orientalia ; 13)

Inclou bibliografia
Textos en castellà i portuguès
ISBN 978-84-916-8419-0

I. Brage Martínez, Lucía, editor literari II. Montero Fenollós,
Juan-Luis, editor literari III. Col·lecció: Barcino monographica
orientalia ; 13
1. Arqueologia 2. Egiptologia 3. Assiriologia 4. Orientalística
5. Viatgers 6. Col·leccionistes i col·leccions 7. Segle XVI-
segle XX 8. Península Ibèrica 9. Espanya 10. Portugal
11. Orient Mitjà 12. Palestina

© Edicions de la Universitat de Barcelona

Adolf Florensa, s/n
08028 Barcelona
Tel.: 934 035 430
Fax: 934 035 531
www.publicacions.ub.edu
comercial.edicions@ub.edu



EDICIÓN

Instituto del Próximo Oriente Antiguo (IPOA),
Facultad de Filología, Universidad de Barcelona

DIRECTORES

Adelina Millet Albà e Ignasi-Xavier Adiego
(IPOA, Universidad de Barcelona)

IMAGEN DE LA CUBIERTA

Palmira. *Libro de viaje a Siria* (acuarela de Paco Carreño, 2006).

ISBN 978-84-9168-419-0
Depósito legal B-18.694-2020
Impresión y encuadernación Gráficas Rey

Publicación financiada por la Sociedade Luso-Galega de Estudos Mesopotámicos.

Queda rigurosamente prohibida la reproducción total o parcial de esta obra. Ninguna parte de esta publicación, incluido el diseño de la cubierta, puede ser reproducida, almacenada, transmitida o utilizada mediante ningún tipo de medio o sistema, sin autorización previa por escrito del editor.

Fernando Val do Rio de Carvalho Henriques (1897-1962).
O primeiro romancista-egiptólogo português

José das Candeias Sales – *Universidade Aberta, CHUL*
Susana Mota – *CHAM, FCSH, Universidade Nova de Lisboa*

1. *Introdução*

O escritor Fernando Val do Rio de Carvalho Henriques (1897-1962) é totalmente desconhecido da esmagadora maioria dos portugueses. Há, no entanto, um romance seu, com contornos de policial, publicado em 1924, intitulado *A Profecia ou o mistério da morte de Tut-Ank-Amon*, que lhe confere um lugar pioneiro no panorama literário nacional português e no contexto internacional, o que é também desconhecido da maioria dos portugueses, dos historiadores e dos egiptólogos.

A obra e o autor em causa chegaram ao nosso conhecimento no início de 2018, no âmbito do Projecto de Investigação na área da Recepção do Egipto antigo, genericamente intitulado *Tutankhamon em Portugal. Relatos na imprensa portuguesa (1922-1939)*, que desenvolvemos com a finalidade de recolher e analisar todas as notícias sobre a descoberta do túmulo do faraó Tutankhamon publicadas entre 1922 e 1939 nos periódicos portugueses.

Durante o trabalho de consulta e compilação do nosso *corpus*, deparámo-nos com duas notícias, publicadas no *Diário de Lisboa*,¹ uma a 23 de Novembro de 1923 (p. 2) e outra a 20 de Março do ano seguinte (p. 1), que davam conta justamente de *A Profecia ou o mistério da morte de Tut-Ank-Amon* obra de

1. O *Diário de Lisboa* foi um vespertino que se publicou em Portugal entre 1921 e 1990 (Lemos 2006, 256, 257).

Fernando Val do Rio de Carvalho Henriques. A notícia de 1923 consiste, no fundo, num excerto da obra (16 parágrafos), assim dada a conhecer ao grande público, antes da publicação oficial, através do jornal lisboeta. A escolha efectuada é muito feliz, pois remete directamente para o âmago da acção que o título contemplava (a misteriosa morte de Tutankhamon), aguçando, assim, intencionalmente, o interesse e a atenção dos potenciais leitores para o tempo dos antigos Egípcios e do seu faraó então na moda. Por sua vez, a notícia de 1924, já depois da publicação da obra, remete para a notícia de 1923, voltando a destacar o enfoque da novela de Carvalho Henriques na antiga história egípcia:

“Carvalho Henriques, na sua novela *A Profecia ou o Mistério da Morte de Tut-Ank-Amon*, de que em tempos publicámos um trecho, mostrou possuir uma coisa rara nos nossos escritores — imaginação. Não se aborrecerá de certo quem ler o livro em que, com o *frisson* da modernidade, desvenda os mistérios do Vale do Nilo.”

“O *frisson* da modernidade” a que o *Diário de Lisboa* alude eram inquestionavelmente os trabalhos de escavação em Luxor ocidental, no Vale dos Reis, no KV 62, de que chegavam, através da imprensa, regulares e abundantes informações, do Egipto ou de Londres, e que os portugueses, leitores de jornais, como outros europeus, acompanhavam com natural excitação e fascínio, fantasiando, por certo, sobre as causas da morte do faraó egípcio então encontrado no seu túmulo. (Fig.1.).

Esta informação recolhida nos números de 1923 e 1924 do *Diário de Lisboa* não só se ajustava à lógica e aos contornos da nossa investigação como nos punha em contacto com um romance que, eivado da inerente imaginação e criatividade literárias, propunha uma solução para a morte do antigo faraó egípcio. Tornou-se inevitável, portanto, conhecer mais sobre o seu Autor e sobre a sua narrativa, conduzidos já, porém, por uma forte convicção de estarmos perante um pioneiro no panorama literário português para quem a antiga civilização egípcia apresentava uma atracção muito particular.

2. O Autor

Fernando Val do Rio de Carvalho Henriques, que habitualmente assinava as suas obras como F. de Carvalho Henriques, nasceu em Lisboa (freguesia dos Anjos), a 17 de Dezembro de 1897, primeiro dos quatro filhos de Alberto Pedro de

Carvalho Henriques (1874-1962) e Aurélia Quaresma d'Oliveira Val do Rio (1879-1950).² Com 15 anos, entrou no Liceu Camões, em Lisboa, onde estudou até 1917, altura em que, com 20 anos, concluiu os estudos liceais. Nos anos lectivos de 1917/18 e 1918/19, frequentou o Curso Geral no então recém-criado Instituto Superior Técnico. A 25 de Novembro de 1920, Carvalho Henriques casou-se com Maria do Carmo Libânia Gonzalez de Jesus (1899-1992), a quem dedica *A Profecia*, A dedicatória colocada em página ímpar, antes do índice, regista “A MINHA MULHER, para que ela dê ao livro um pouco da felicidade que me trouxe. F. de C. H.” (p. 5). (Fig. 2.)

Não é possível reconstituir, de forma muito clara, o seu percurso profissional. Pelo que tivemos acesso no Arquivo do Ministério das Finanças, no testamento que redigiu em 1940, identifica-se como “proprietário” (Processo DGCI/LIS/LIS4A/IS/16988), e, em 1953, num documento do processo de sucessões e doações do seu pai, é dito que ele seria “empregado no comércio” (Processo DGCI/LIS/LIS4A/IS/12035), o que faz sentido, tendo em conta que esta era a área de actividade não só do pai, mas da família em geral, e que, pelo menos, duas das obras técnicas que publicou visavam o sector comercial. O único dado profissional mais concreto que temos é que durante os anos 40 terá sido chefe da secção de publicidade da Vacuum Oil Company. Aliás, foi graças a esta sua função que nos foi possível identificar a única fotografia do Autor, de 1935, tirada no jantar de despedida de C.S. Brewster, director da empresa em Portugal, e da sua esposa. Sabemos, no entanto, que, devido principalmente à sua família materna, teria alguma disponibilidade financeira que lhe permitiu ser um homem viajado e de grande cultura.

3. A obra

A sua carreira de escritor não começou com a edição de *A Profecia ou o Mistério da Morte de Tut-Ank-Amon*, de 1924, pela Editora Imprensa Libanio da Silva. De facto, no âmbito da sua bibliografia, *Cuidado! Perigo de Morte. Como se evitar os acidentes de que se pode ser vítima a todo o momento dentro e fora de casa*, de 1920, é a primeira publicação.³ A primeira obra literária, propriamente

2. Os seus irmãos eram: José Val do Rio de Carvalho Henriques (nascido em 1899), Manuel Val do Rio de Carvalho Henriques (nascido em 1902) e Maria de Lurdes Val do Rio de Carvalho Henriques Alves do Rio (nascida em 1901). O irmão José Val do Rio de Carvalho Henriques (19/05/1999 – 17/01/1966) ficou conhecido pelo seu trabalho como fotógrafo.

3. Trata-se de um livro técnico, onde aborda os riscos da electricidade, das trovoadas, da TSF, do gás iluminante, dos incêndios, dos envenenamentos e de outros acidentes vulgares.

dita, seria *Mulheres de hoje...coração de sempre*, escrita em 1922, mas só publicada no final de 1924.⁴

De acordo com um apontamento inserido por F. de Carvalho Henriques no final do romance, *A Profecia ou O Mistério da Morte de Tut-Ank-Amon* foi concluído em Junho-Julho de 1923, ou seja, cerca de 6 meses depois da abertura oficial do túmulo por Lord Carnarvon e Howard Carter (4 de Novembro de 1922). A obra seria publicada em 1924, antes de *Mulheres de hoje...*, fazendo com que aquela que em termos de redacção foi a segunda obra literária se transformasse na primeira a vir a público.⁵ Desde meados dos anos 20 até aos anos 60 do século XX, num percurso, portanto, de cerca de 40 anos, F. de Carvalho Henriques continuou a editar outros livros técnicos e trabalhos relacionados com o comércio e a publicidade, bem como outras obras literárias.⁶

4. *A Profecia ou O Mistério da Morte de Tut-Ank-Amon*

Coube a João de Brito, professor de Fernando de Carvalho Henriques no Liceu Camões, em Lisboa, prefaciá-lo, em três páginas e meia, *A Profecia*.⁷ É ele que

4. Anote-se, como curiosidade, o facto de o início da trama desta obra acontecer durante uma viagem das protagonistas ao Egipto (Cairo). Tal como *A Profecia*, também *Mulheres de hoje...* foi noticiada nos jornais da época: «Fernando de Carvalho Henriques, que ainda há pouco publicou uma novela notável – *A profecia ou o mistério da morte de Tut-Ank-Amon*, acaba de lançar no mercado uma outra – *Mulheres de hoje ... Coração de sempre*. A edição, que é elegantíssima, com uma capa e um *hors-texte* de Almeida Azevedo, é digna do texto – uma história sentimental dialogada, através da qual Maria Tereza, Jeanne e Grace dialogam com proficiência sobre os acontecimentos do seu coração.» (*Diário de Lisboa*, de 8 de Dezembro de 1924, p. 1).

5. Um outro dado curioso em relação aos dois trabalhos literários de 1924 (*A Profecia* e *Mulheres de hoje...*) foi o facto de o Autor os ter oferecido ao conhecido poeta, escritor e tradutor português Fernando Pessoa (1888-1935), ambos com dedicatória pessoal.

6. Entre os livros técnicos e trabalhos relacionados com o comércio, encontram-se: *Vocabulário Técnico: Português-inglês-francês: Tecnologia Mecânica = Technical Vocabulary: English-portuguese-french: Mechanical Technology = Vocabulaire Technique: Français-portugais-anglais: Technologie Mécanique* (1925), *O que sei do que li e ouvi da Segunda Guerra Mundial: 100 exercícios para cada um avaliar o que sabe do primeiro ano da guerra* (1941), *Vendedores e Compradores: Noções de Psicologia Aplicada à Arte de Vender* (1943), *O Gerente e a Sua Gente: As Relações Entre Dirigentes e Dirigidos Como Factor de Eficiência da Empresa* (1946) e *Publicidade Para o Público* (sem data de publicação conhecida). No campo das obras literárias são arroláveis: *A Quarta Dimensão ou A tragédia fisiológica* (1927), *O amigo fiel e o Fiel amigo* (1960) *A Montanha da Lua* e *O oitavo pecado mortal*, embora se desconheçam também as datas de publicação destas duas.

7. O prefácio está datado de 5 de Dezembro de 1923. João de Brito, natural de Vila Real de Trás-os-Montes, foi professor efectivo do 1º grupo, de português/ latim, no Liceu Camões, em Lisboa,

nos diz que estamos perante uma obra que versa sobre o amor e a felicidade eterna, “*entrelaçando factos da antiguidade e dos modernos tempos*”, isto é, entre a contemporaneidade do Autor e o antigo Egipto, procurando “*conhecer uns e outros com tão escrupulosa perfeição dentro daquilo que a história tem estabelecido como certo, que ninguém poderá dizer que êle não tenha buscado a verdade e a conveniência literárias, com elas devem ser entendidas.*” (p. 10, 11).

De facto, o Autor mobilizou para o seu romance os “factos da antiguidade...dentro daquilo que a história tem estabelecido como certo”, isto é, os “conhecimentos históricos” sobre o antigo Egipto da época do faraó Tutankhamon, suscitados pela então recente descoberta arqueológica do túmulo desse faraó egípcio, que não só fornece mote directo para a segunda parte da epígrafe do título (*O mistério da morte de Tut-Ank-Amon*), como para a narrativa e designações dos capítulos II (“A Profecia”, pp. 29-40), III (“— Faraó?!... Para quê?...”, pp. 40-51) e IV (“Mulher! Tirar-lhe-hás a vida ao dar-lha!”, pp. 52-61), que constituem, no fundo, o núcleo central motriz do romance.

Se a imprensa portuguesa, a exemplo do que acontecia noutros locais, procurou um certo sensacionalismo nas narrativas que oferecia aos leitores sobre o longínquo Egipto, a sua história e os seus personagens, a Editora, o próprio Autor (considerando que se trata de uma edição de autor) ou ambos, compreendendo claramente o peso da dimensão egíptológica ou egípcianizante na obra, usaram também um apelativo motivo iconográfico egípcio no frontispício, para “conquistar” os leitores para o universo do antigo Egipto: a representação de um abutre (*Gyps fulvus*), chamado pelos antigos Egípcios *nerau*, agarrando símbolos de eternidade com as suas poderosas garras. A ilustração, colhida provavelmente em alguma obra da especialidade consultada, como metatexto não-verbal, cria uma atmosfera, estabelece um fundo eficaz, para o conteúdo literário e para a mensagem que se pretende transmitir. (Fig. 3.).

5. “*Factos da antiguidade...dentro daquilo que a história tem estabelecido como certo*”

Tal como o prefaciador João de Brito indicou, as 150 páginas (pp. 13-162) do romance de Fernando de Carvalho Henriques entrelaçam “*factos da antiguidade*”

a partir de 1906. Em 1907, com F. A. Xavier Rodrigues, professor do Liceu Pedro Nunes, também em Lisboa, foi autor de uma *Gramática Elementar da Língua Latina* para o ensino secundário que, ao longo dos anos, teria várias edições, atingindo em 1935 a sua 13ª edição. O livro de 1927, *A quarta dimensão ou A tragédia fisiológica*, será dedicado ao “Prof. Dr. João de Brito” que, como F. de Carvalho Henrique escreve, “[lhe] ensinou a converter as idéas em palavras escritas”.

com acontecimentos dos “*modernos tempos*”. Na verdade, a análise da obra permite perceber que dos 14 capítulos que a compõem, apenas três (capítulos II-IV) contam “factos” ocorridos com várias personagens da Antiguidade egípcia (sobretudo, o jovem Neferhotep e a sua amada Ti), decorrendo os restantes, a narrativa principal, na época contemporânea do Autor, os anos 20 do século XX.⁸ O tempo e espaço da diegese são contemporâneos dos da narração do romance, ou seja, os acontecimentos são descritos como se estivessem acontecendo no presente, desenvolvidos por uma articulação de encadeamento, que abrange os capítulos I e VI a XIV. Nela encaixada surge a história passada “*em Tebas há trinta e três séculos*” (p. 29). Estamos, portanto, perante estrutura narrativa que encaixa na narrativa principal um conjunto de dados, uma história, do antigo Egípto.

Os acontecimentos do passado faraónico, em analepse, essenciais para a compreensão da acção da narrativa principal, estão condensados em 36 páginas, mas é justamente essa evocação do passado e a “profecia” que lhe está associada que dão título ao livro de F. de Carvalho Henriques. Realmente, a chamada “profecia” que comanda e uniformiza ambas as narrativas surge mencionada na p. 40, supostamente inscrita “*em caracteres demóticos*” numa das faces de um obelisco a que se encostam dois personagens da história passada no Egípto (Neferhotep e Ti):

“Mulher! Tirar-lhe-hás a vida ao dar-lha!
Trinta e três vezes cem anos que passam
Homem! Tirar-lhe-hás a vida ao dar-lha!
Trinta e três vezes cem anos que passam
Mulher! Homem! Chegou o vosso momento na
Terra de união para a Vida eterna!”

Poder-se-ia pensar que a “influência” do passado egípcio em *A Profecia* consiste apenas nesta opção por um *décor* antigo, com personagens antigas, aí vivendo as suas peripécias amorosas, retirando-se e estabelecendo-se, por

8. Em bom rigor, na narrativa encaixada, o capítulo V (“*Trinta e três vezes cem anos que passaram*” – pp. 62-64) apresenta uma feição distinta dos anteriores (II-IV): enquanto aqueles são sequências que contam ‘factos’ ocorridos com as personagens da Antiguidade egípcia, este constitui, no fundo, uma breve reflexão filosófica sobre o Tempo, o Espaço e o Amor, que fundamenta, no fundo, a tessitura conferida à novela. Por isso mesmo, neste capítulo V, o Autor-narrador assume uma presença heterodiegética e uma posição subjectiva omnisciente-transcendente, emitindo juízos de valor bem assertivos. São apenas três páginas, mas constituem o fulcro explicativo do romance.

comparação e em contraste, afinidades e alterações em relação a comportamentos similares do presente. Mas não é o caso. No capítulo IX, em pleno desenvolvimento da ficção subjacente ao romance, há uma passagem para nós de extraordinário valor, não só por representar o “ponto de encontro” intencional das duas narrativas, como por ir ao encontro do objecto da nossa própria investigação: na fábrica que dirige, o personagem principal (engenheiro José Miguel de Oliveira), desenha no seu estirador um novo tipo de alternador, quando recebe, pela manhã, das mãos de um empregado, “*um maço de correspondência e de jornais*”. Desdobrando um dos jornais e lendo os títulos das diversas notícias, em diagonal, fixa a sua atenção nas duas colunas da “*secção da última hora*”, particularmente “*no fim da segunda*”, no texto publicado de um pequeno telegrama:

“Londres. — Dizem do Cairo que no Vale dos Reis próximo do túmulo de Ramsés VI, foi descoberto o sepulcro dum rei da XVIII dinastia, supondo-se que seja o de Tut-Ank-Amon, genro do faraó Kuen-Aten.

Esta descoberta de grandíssimo valor arqueológico, pois que ao contrário do que até hoje tem acontecido, o sarcófago do rei parece não ter sido violado, foi devida a Mr. Howard Carter que sob os auspícios de Lord Carnarvon, desde 1906 procedia a metódicas escavações no Egipto.”

Não temos forma de apurar se Fernando de Carvalho Henriques “compôs” o texto do telegrama integrado nas páginas 86 e 87 do seu livro a partir da consulta de um autêntico telegrama publicado na imprensa portuguesa ou se “reproduziu” directamente um desses telegramas. No *corpus* por nós levantado de notícias publicadas na imprensa portuguesa há apenas uma notícia (publicada em *O Século*, de 3 de Dezembro de 1922, p. 3, intitulada “*ANTIGA TEBAS. Uma grande descoberta arqueológica*”) que pode ter sido lida pelo Autor ou em que ele se poderá ter inspirado para a menção que faz no seu livro.⁹

O que nos parece interessante e substantivo realçar é o facto de Carvalho Henriques demonstrar através desta passagem uma clara consciência e conhecimento da informação sobre a grande descoberta arqueológica do Vale dos

9. A nossa hipótese baseia-se em quatro aspectos: a datação (3 de Dezembro de 1922, objectivamente cerca de quinze dias depois da descoberta oficial), o local de proveniência dos telegramas (Londres), a “referência textual” da notícia de *O Século* ao túmulo de Ramsés VI (KV 9), situado nas imediações do túmulo de Tutankhamon, e a menção aos 16 anos de escavação de Howard Carter (erradamente mencionado como “Howard Caster”), que poderia explicar a alusão ao ano de 1906 no telegrama do livro.

Reis que circulava nos jornais portugueses da época e colocar estrategicamente, assim, através de uma notícia de jornal, no caso um telegrama proveniente de Londres, o protagonista do seu romance em contacto directo com Tutankhamon, faraó da XVIII dinastia, de que, como escreve, “*Nunca ouvira falar*”, mas que era o faraó em moda, como o Autor bem sabia.

Adicionalmente, para consolidar os elos entre as componentes antiga e moderna do seu romance, F. de Carvalho Henriques recorre a um “*fenómeno extraordinário*” (p. 88), como lhe chama: uma mosca caída no *godet* de tinta preta usada pelo engenheiro José Miguel para os seus desenhos técnicos, instantânea e prodigiosamente, “*torna-se dourada*” (p. 88) e junto dela aparecem “*uns sinais na mesma cor*”, circunscritos por “*uma alongada elipse*” (p. 88). Certamente para ampliar o impacto da descrição junto dos seus leitores, num recurso pouco habitual num romance, o Autor apresenta no corpo do texto do seu livro o desenho em causa. Trata-se da cartela com os signos hieroglíficos do nome de nascimento ou nome próprio do faraó Tutankhamon, numa grafia ordenada de cima para baixo, da esquerda para a direita: *tut-ankh-amon heka-iunu-chemai*, significando “Imagem viva de Amon, governador de Heliópolis do Alto Egipto = Tebas”. Paradoxalmente, para quem ignorava quem era Tutankhamon, José Miguel exclama “—*Tut-Ank-Amon!...*”. (Fig. 4.).

Independentemente da incorrecção notada na forma como o nosso Autor grafa *ankh*, preferindo, antes, *ank*, numa leitura “fonética” que resultava mais fácil em português, o desenho da cartela inserido a meio do romance foi seguramente recolhido através da consulta de uma qualquer obra de foro egiptológico, o que evidencia uma “preparação” prévia do romancista para lidar com as temáticas que elegeu e uma preocupação com o fascínio que essas formas desconhecidas exerceriam sobre o grande público. A apresentação da cartela de Tutankhamon, com os seus enigmáticos hieróglifos, a representação desenhada do abutre do frontispício do livro, o próprio “subtítulo” da obra, tudo concorre para alimentar a dimensão de mistério e de fascínio que, por outro lado, as notícias publicadas pela imprensa também estimulavam ao narrarem os trabalhos de Howard Carter no túmulo descoberto em Luxor.

Não conhecemos as fontes primárias ou secundárias que F. de Carvalho Henriques utilizou para compor os capítulos sobre o antigo Egipto do seu romance, não conhecemos os egiptólogos que leu ou consultou como auxiliares da sua preparação para a escrita ficcionada que encetou, não conseguimos medir com exactidão o entendimento que detinha sobre vários tópicos egípcios que inseriu na sua novela, mas há algo que nos parece indubitável: os seus conhecimentos históricos sobre o Egipto antigo, sobretudo para a época de Tutankhamon, são

genericamente bem sustentados, aprofundados, não obstante uma ou outra referência mais imprecisa, incompleta ou desfasada, e, para um romancista-egiptólogo, representam um esforço digno de registo.

Sem sermos exaustivos, encontramos nas 36 páginas dos capítulos II, III e IV o uso de fórmulas de datação, de designações toponímicas, de elementos de indumentária, a menção aos nomes de trono e de nascimento dos faraós egípcios, antecedidos por designações e completadas por epítetos, identificações historicamente correctas de personagens históricas, mesmo com as alterações onomásticas que conheceram (caso de Amenhotep IV/ Akhenaton),¹⁰ a uma sensibilidade particular para a importância da tradução dos nomes egípcios, anotando a importante questão da mudança de nome do faraó Tutankhamon e da sua esposa por força da mudança religiosa (“*Nos nomes do rei e da rainha substituiu-se a palavra Aten por Amon, transformando-se pois Tut-Ank-Aten e Ank-Sen-Pa-Aten respectivamente em Tut-Ank-Amon e Ank-Sen-Amon.*” – p. 30),¹¹ que nos mostram um autor empenhado na busca da “verdade egiptológica” ou, pelo menos, da verosimilhança histórica e narrativa que daí advinha.

Esta contínua demanda de rigor nas suas descrições egípcias, sobretudo das associadas à vida de corte, dos cortesãos e altos funcionários, significa que houve uma pesquisa prévia de F. Carvalho Henriques e uma disposição organizada dos elementos sobre a vida no antigo Egito investigados. Romancista, é certo, mas

10. No entanto, Fernando de Carvalho Henriques nunca usa a designação Akhenaton. No livro, menciona “*Amen-hotep IV*” (p. 29, 30) ou “*Kuen-Aten*” (pp. 36, 85). Neste último caso, introduz uma nota de rodapé para indicar que se trata de “*Amen-hotep IV*”. Como se sabe, no ano 5 do seu reinado, Amenhotep IV mudou o seu nome para Akhenaton, assinalando, assim, uma profunda alteração do rumo religioso-político do Egito antigo (Sales 2007: 165). O nosso Autor entende que Amenhotep IV e Akhenaton são a mesma figura histórica, mas não avança nenhuma explicação para a alteração de nome.

11. Apesar de atento à questão onomástica da rainha egípcia, F. de Carvalho Henriques menciona-a como “a mais nova das sete filhas” (p. 36) de Akhenaton, o que, historicamente, não é correcto, pois a princesa Ankhesenpaaton era a terceira filha de Akhenaton com Nefertiti, nascida talvez por volta do sexto ano de reinado. As seis filhas, por ordem cronológica de nascimento, eram Meritaton, Meketaton, Ankhesenpaaton, Neferneferuaton-Tacherit, Neferneferuré, Setepenré. As três primeiras nasceram em Tebas e as restantes em Akhetaton. (Dodson/Hilton 2004: 146, 147; Lesko 1996: 20-23; Grajetzki 2005: 60, 64; Tyldesley 2006: 125, 133, 134, 137, 138; Kemp 2012: 14, 15). Em *A Profecia*, F. de Carvalho Henriques prefere a forma “Aten” em detrimento de “Aton” quando incorporada no nome do faraó e da rainha. Esta “opção” pode sugerir que entre as fontes consultadas se encontravam obras em inglês onde, ainda hoje, essa é a forma utilizada para designar o deus-Sol de Amarna (Aldred 1973; Reeves 2001; Dodson 2009; Kemp 2012; Pinch 2002: 20, 109, 110; 2004: 34; Hart 2005: 34-40). O domínio do inglês por parte do Autor – recordem-se as obras técnicas que publicou –, ter-lhe-ia permitido, certamente, com facilidade, essa consulta.

com um “conhecimento histórico”, válido e validado de acordo com os conhecimentos disponíveis no seu tempo, capaz de transpor para o campo literário esses mesmos conhecimentos. É assim que o vemos relatar no seu romance um fictício ataque ao casal real Tutankhamon e Ankhsenamun perpetrado por um sacerdote de Aton, que usava “*uma medalha com um disco solar donde partiam raios tendo mãos nas extremidades*” (p. 31). Carvalho Henriques conhecia, portanto, perfeitamente bem a representação iconográfica-tipo do deus Aton.

Através de alusões mais circunstanciadas ou mais comedidas, o Autor de *A Profecia* mostra também conhecer várias divindades do antigo panteão egípcio e seus emblemas característicos: além de Aton, são também mencionados Amon, Osíris, Set, Anúbis, Ptah, Amenit / Amut, Ra-Harmaku-Aten, Amon-Ra, Isis e Geb. São referências que “decoram” a composição literária, ajudando a criar a pretendida ambiência egípcia.

Nas pp. 34 e 44, F. de Carvalho Henriques explica os conceitos de *ka* (“*O espírito sob a forma de fantasma*”) e de *ba* (“*é como que um outro-eu imaterial; o Ba é o elemento vivificador que à hora da morte abandona o corpo sob a forma de ave com cabeça humana*”), respectivamente, comprovando não só que compreendia a importância destes elementos na visão antropológica e cosmológica egípcia como que, para o efeito, teve de realizar uma pesquisa sistemática sobre os mesmos.

Nem sempre os tópicos escolhidos são escarpados de uma forma integral e aprofundada. Obviamente que não era isso que Carvalho Henriques pretendia, uma vez que ele se posiciona essencialmente como romancista. O seu objectivo é claramente “ilustrar” a história do passado egípcio, com elementos de suporte válidos e cientificamente correctos, mas ao serviço da ficção literária que o move. É, por isso, neste sentido, que para nós não é abusivo tratá-lo por romancista-egiptólogo e enfatizar o seu pioneirismo ao trazer tais competências historiográfico-egiptológicas para o seio da literatura ficcional no início dos anos 20 do século XX.

Por isto, a obra de Fernando de Carvalho Henriques é ímpar no panorama nacional português, mas também, pela sua precedência, no contexto internacional. *A Profecia ou o mistério da morte de Tut-Ank-Amon* foi o primeiro livro publicado após a descoberta do túmulo de Tutankhamon e por ela directamente inspirado. Anterior ao livro português existe apenas um conto (4 páginas) de Agatha Christie, protagonizado por Hercule Poirot, intitulado *The Grey Cells of M. Poirot: No. I. The Adventure of the Egyptian Tomb*, publicado a 26 de Setembro de 1923, na revista londrina *The Sketch*. Ambos os autores estiveram embrenhados nos seus trabalhos na mesma altura (meados de 1923), publicando a inglesa um conto e o

português um livro ou, se quisermos, ser rigorosos, quatro páginas *versus* trinta e seis. Neste confronto, acreditamos, sai reforçado o pioneirismo de Fernando Val do Rio de Carvalho Henriques, mau grado o enorme sucesso que a escritora inglesa conheceria.

6. Conclusão

A espectacular descoberta do túmulo de Tutankhamon, no Vale dos Reis, em 1922, foi um acontecimento marcante para a arqueologia egípcia que mudou para sempre a Egiptologia. O seu impacto, porém, não se ficou por aí. Ecos dela chegaram a Portugal e estimularam a imaginação e criatividade de homens como Fernando de Carvalho Henriques que, sob o forte impulso mobilizador que por vezes o passado gera, compôs um romance. Trata-se do primeiro romance publicado a nível internacional inspirado nesta grande descoberta arqueológica egípcia.

Para a sua composição, Carvalho Henriques pesquisou sobre a história egípcia antiga, sobre a qual seguramente nutria já um certo gosto, procurando elementos concretos sobre a vida de então, sobre os seus conceitos, símbolos e práticas, que soube canalizar criativamente para a sua escrita, fazendo um romance, com contornos de policial, que conferia aos factos do passado egípcio um lugar central.

Carvalho Henriques não era obviamente um historiador, um egiptólogo, nem *A Profecia ou o mistério da morte de Tut-Ank-Amon* era um ensaio de História ou de Egiptologia, mas o seu excepcional comportamento, qual romancista-egiptólogo, faz dele um pioneiro neste domínio e o seu trabalho constitui um testemunho palpável de fantasia combinada com rigor histórico.

7. Bibliografia

- Aldred, C. (1973) *Akhenaten and Nefertiti*. New York.
 Booth, C. (2007) *The Boy Behind the Mask: Meeting the Real Tutankhamun*. London.
 Dodson, A. (2009) *Amarna Sunset. Nefertiti, Tutankhamun, Ay, Horemheb and the Egyptian counter-reformation*. Cairo / New York.
 Dodson, A., Hilton, D. (2004) *The complete royal families of Ancient Egypt*. Cairo.
 Grajetzki, W. (2005) *Ancient Egyptian Queens. A hieroglyphic dictionary*. London.
 Hart, G. (2005) *The Routledge dictionary of Egyptian gods and goddesses*. London / New York.
 Kemp, B. (2012) *The city of Akhenaten and Nefertiti. Amarna and its people*. Cairo.

- Lemos, M. M. (2006) *Jornais diários portugueses do século XX: um dicionário*. Coimbra.
- Lesko, Barbara S. (1996) *The remarkable women of Ancient Egypt*. Providence.
- Martins, F. C. (2008) *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Lisboa.
- Pessoa, F. (1999) *Correspondência: 1923-1935*. Lisboa.
- Pinch, G. (2002) *A handbook of Egyptian mythology*. Santa Barbara / Denver / Oxford.
- Quirke, S. (2001) *Egypt's false prophet Akhenaten*. London.
- Tyldesley, J. (2006) *Chronicle of the Queens of Egypt from early dynasties times to the death of Cleopatra*. London.

A PROFECIA

ou o misterio
da morte de Tutankamôn

por Fernando Val do Rio de Carvalho Henriques

Tutankamôn chegou ao seu posto de observação e por um dos pontos ortogonais viu que a rainha repousava de costas para ele num requintado canapé de eletrium.

Dessejava e não dessejava o infeliz rei presentear o que ia passar-se em breves momentos. O seu coração pulsava violentamente dificultando-lhe a respiração; tinha seca a garganta; os ouvidos zuniam-lhe. Tremenda era a angustia do fardo; e o tempo passava com lentidão cruel, mas passava sempre, sem que qualquer facto anormal se desse na câmara contigua. A falta de aranjamento do acanhado local e a incômoda posição juntavam o martírio físico ao suplício moral que roía Tutankamôn.

Horas se contaram assim até que estupidamente chegou aos ouvidos do torturado soberano, indistintamente a principio, mas tornando-se gradualmente nítido, o barulho de vozes aflradas. Sentiu passos sobre os tapetes dos aposentos da rainha e, julgo dela, o fardo viu aparecer uma dama de honor que affixava a cabeça a terra. O tumulto lá fora crescia. A freira-delegada que escudia agora fortemente a regta adormecida, teve uma leve hesitação; voltou-lhe o rosto, mas este rosto... era o de um cadáver...

—Ela também assassinada! — exclamou a dama horrorizada; e desapareceu clamando socorro.

Ao ouvir esta frase cuja significação immediata advinhava, o fardo sentiu a cabeça tornarse-lhe num vazio negro; não pôde reagir e num murmúrio que ia crescendo, crescendo até ser um berro dúbido, repetiu:

—A rainha morta!... Nofertodop, morto!... E foi Tutankamôn que mandou para a morte o frido!... Ah! Ah! Ah! — paralytava.

E o rei, a quem a grande dor tornava misero e medonho, saiu do esconderijo avacuada sem ver como um autómato atravessou a porta do palácio — deserta agora, em virtude da corrida a sala do banquete e câmara da rainha — até que, não encontrou apoio e... dum vão não resguardado dum dos andares superiores, uma sentinella, no calar, viu um corpo humano descer uma parabolita até se perder nas aguas do Nilo.

O carpas do hepato ao recebê-lo, notou azarões que, «regio corpo momentaneamente lhe communicou, as inhumanas observações que lamberram os corpos das embarcações mais proximas, foram as manifestações unicas que se deram a parida para Longa Viagem do Rei do Alto e Baixo Egipto, Senhor de justiça escolhido pelo Deus Itz, Filho do Sol, Sobá-kheperu Itz Tutankamôn, dotado de vida eterna.

Nofertodop, ao sentir-se livre da morte pela oportuna e corajosa intervenção de Ti, foi sensado por tão grande alegria que, esquecendo-se completamente do papel que representava e do lugar onde estava, parou a correr e crescentamente assombrosa, enlaçou a noiva num abraço longo e forte beijando-lhe zafrentadamente, brutalmente, aquella bela boca que acabava de lhe salvar a vida.

Os austeros conselheiros e sacerdotes interromperam-se com milhares de gritos no presenciarem estas manifestações, de reconhecimento, sem duvida, muito grandioso de fazer a uma creatura como Ti, mas muito pouco proprias na bocca de um fardo.

Não teve, porém, tempo a certo para fazer occasia fazer uma critica completa do que viu, pois que o rei cambaleava nos braços da dama Ti e, se não fora o auxilio prestado por Horemheb, esta seria forçada para o seio: indolencia decaido cair desamparado.

Dessa vez era certo. O rosto do fardo convulsivamente enegrecia e dos seus labios semi-paralyzados a desceper da Ti ouviu num suspiro:

—Fardo!... Trilha e trê...
—Uma contracção mais; o branco dos olhos que aparece; um curto estertor... e a profecia do obediço... Mulher! Titar... Ih-ha-a vida ao dar-lha! — acabava de realisar-se.

Ti salvava Nofertodop, mas o beijo, o longo beijo que a rainha tomava brumal, abria-lhe a ferida do labio que algum tempo antes elle havia feito ao baptisese e o veneno pela boca da amada foralhe introduzido outra vez no sangue.

Eis a razão por que Nofertodop, o noivo da dama Ti e fidelissimo irmão do fardo, foi encerrado no sarcófago que ainda hoje se ergue contra a muralha de Tutankamôn, o infeliz rei de cuja morte se um obscuro soldado, sem a mais leve suspeita o seu frê espectador.

* * *

CARVALHO Henriques, na sua novela *A Profecia* ou *O Misterio da Morte de Tut-Ank-Amon*, de que em tempos publicámos um trecho, mostrou possuir uma coisa rara nos nossos escritores—imaginação. Não se aborrecerá de certo quem ler o livro em que ele, com o *frisson* da modernidade, desvenda os misterios do Vale do Nilo.

Fig. 1. Notícias publicadas sobre *A Profecia* no *Diário de Lisboa*. (23.11.1923, p.2 e 20.03.1924, p. 1).



Fig. 2. A única fotografia existente de Fernando Val do Rio de Carvalho Henriques – 1935 (Torre do Tombo: <http://digitarq.arquivos.pt/details?id=1018799>).

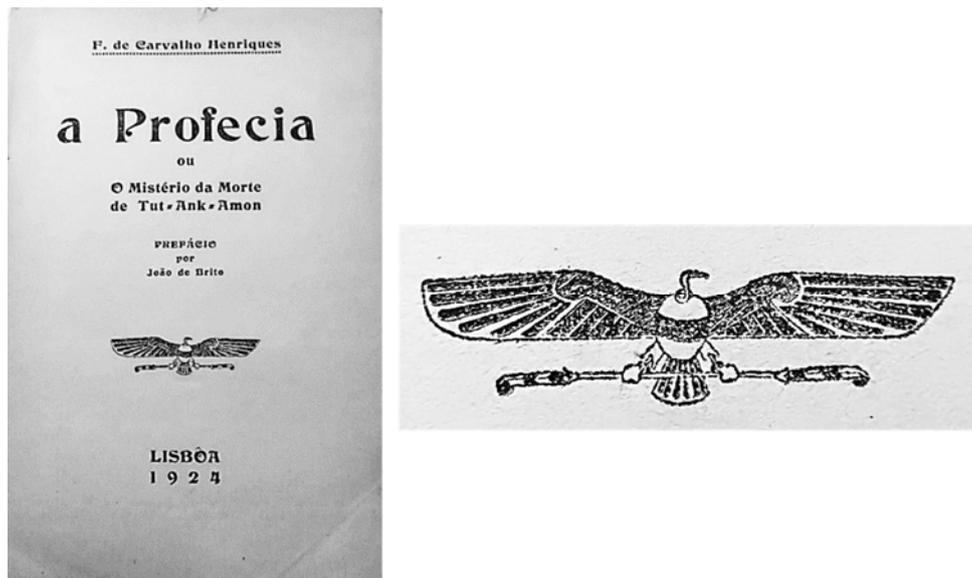


Fig. 3. Imagem completa do frontispício da obra *A Profecia* e ampliação da representação do *nerau*.



Fig. 4. Cartela de Tutankhamon, incluída por Fernando de Carvalho Henriques no seu livro (p. 88).